



Territorialidade: a importância de relações de afeto e apoio entre mulheres agroecologistas

Territoriality: the importance of relationships of affection and support among women agroecologists

BORTOLINI, Camila Ferraz¹

¹ Universidade Federal de Santa Catarina, cferrazbortolini@gmail.com

Eixo: Gênero, Feminismos e Diversidades na Construção Agroecológica

Resumo: Em um mundo cada vez mais permeado da monocultura e individualismos, a biodiversidade e a coletividade emergem como formas de resistência. Nesse sentido, pretendo refletir sobre a importância das relações de afeto e apoio entre mulheres agroecologistas. Essa reflexão foi construída junto com três mulheres agroecologistas do Norte do Rio Grande do Sul, que participaram de uma pesquisa cartográfica que deu origem a uma dissertação de mestrado, na qual foram realizados encontros individuais e coletivos entre a pesquisadora e as agricultoras. Foi possível identificar que relações entre mulheres agroecologistas criam uma territorialidade, pois são espaços de coletividade e troca imprescindíveis para que elas sigam fermentando propósitos, constituam juntas noções e práticas para se manterem na agroecologia.

Palavras-chave: gênero; coletividade; amizade; agroecologia.

Introdução

O avanço feroz das monoculturas tem ilhado agricultoras agroecologistas. A agricultura industrial, protagonista na expansão da monocultura, pode ser entendida como uma guerra química contra o planeta, como sugere Vandana Shiva (2016). Nessa guerra, quem escolhe pela agroecologia precisa, literalmente, erguer barreiras de vegetação para conseguir produzir alimentos e manter a biodiversidade do território, esses são elementos fundamentais para a manutenção da sobrevivência no campo.

Para além dos impactos materiais que a monocultura pode causar nas propriedades agroecológicas, existem também fatores psicossociais que interferem diretamente no cotidiano e na produção de subjetividade das agricultoras agroecologistas. No expandir das monoculturas, as propriedades agroecológicas viram ilhas verdes, e essas ilhas territoriais tornam-se também ilhas relacionais, visto que a perspectiva de existência entre vizinhos é distinta e, muitas vezes, antagônica. Viver rodeadas de monocultores é desafio para agricultoras do Norte do Rio Grande do Sul, região marcada pela predominância de monoculturas originadas na exploração colonial e capitalista do território.

Diante dessa realidade, esse trabalho ocupa-se em compreender como mulheres agroecologistas criam fissuras em territórios relacionais áridos e conseguem se conectar com o solo fértil de relacionais guiadas pelas lógicas da agroecologia, formando o que chamo aqui de territorialidade.



A territorialidade pode ser compreendida como uma organização, sobreposição, articulação e justaposição de territórios, sempre levando em consideração os aspectos políticos, econômicos e éticos do mesmo (SILVA, 2000). Ela expressa como os grupos sociais guiam e sistematizam o seu mundo, “qual é a ideologia que identifica o grupo, quais são os princípios que organizam seu universo simbólico e o tipo de poder que influencia suas ações e que marcam suas opções e comportamentos em relação ao espaço e a constituição dos territórios” (SILVA, 2000).

É importante salientar que aqui a “... a ideia de território extrapola a uma identidade fixa e homogênea, circunscrita a um recorte geográfico específico, e convoca a pensar a partir dos processos de subjetivação produzidos no entremeio aos contextos geográficos, econômicos, políticos e culturais” (MACIAZEKI-GOMES, 2017, p. 27).

A partir desses conceitos, articulado com as vivências das agricultoras, busco pistas que denotem a importância das relações de afeto e apoio entre mulheres agroecologistas.

Metodologia

Essa é parte de uma dissertação de mestrado, aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Santa Catarina, a qual foi desenvolvida no ano de 2022 com três mulheres agroecologistas: Pitanga, Bracatinga e Cacao – nomes fictícios escolhidos por elas. Essa é uma cartografia que seguiu fluxos rizomáticos, sem um ordenamento pré-estabelecido, foi nos encontros que a pesquisa foi tecida. As participantes foram escolhidas por critério de proximidade com a pesquisadora, as três moram em cidades pequenas do Norte do Rio Grande do Sul, na época da pesquisa tinham entre 31 e 39 anos, vivem com suas famílias e têm a agroecologia como fonte de renda e subsistência.

Os encontros individuais foram realizados na propriedade de cada uma delas e tiveram duração de um ou dois dias. Já o encontro coletivo foi realizado com as participantes na propriedade de uma delas e teve duração de cerca de quatro horas. Nesses encontros muitas demandas, histórias e reflexões surgiram e esse trabalho detém-se apenas na territorialidade constituída entre elas. Um aspecto importante é que as três já se conheciam, moram cerca de cinquenta quilômetros de distância uma da outra e costumam se encontrar em atividades da Rede Ecovida de Agroecologia, tais como visitas de verificação, reuniões de núcleo, assembleias e Encontros Ampliados.

Resultados e Discussão

Um aspecto comum entre elas é uma dificuldade de estabelecer vínculos em suas comunidades e cidades, por uma série de razões, como o envelhecimento da população do campo; o êxodo rural principalmente de mulheres jovens; o forte conservadorismo ligado à igreja e as práticas católicas; e o predomínio de pessoas que praticam e apoiam a agricultura monocultora.



As três agricultoras relatam que têm pouca convivência com as pessoas da comunidade, e quando têm são relações superficiais. Boa parte da vizinhança pratica a agricultura convencional e quando essas pessoas se reúnem conversam sobre transgenia, agrotóxicos e maquinário, assuntos pelos quais elas não têm interesse e até mesmo repudiam. Essas diferenças fazem com que elas fiquem desconexas do restante das pessoas. Tentar conviver com pessoas que têm concepções de mundo muito diferentes das delas é desgastante, o que faz com que evitem essa convivência: “Aqui, ou você escolhe viver só, ou você escolhe viver com os sem-noção” afirmou Pitanga. Ela conta: “Por que eu não consigo me relacionar com as pessoas da cidade? Porque as pessoas nem conseguem entender a forma que eu vivo. Tem alguém que eu queira visitar na cidade? Ninguém! Essa questão da geografia impacta, mas a questão da vivência da agroecologia, desse pensar diferente, desse não ficar reproduzindo tudo o que os outros fazem pesa mais. Quando vem alguém aqui em casa, a gente não tem nem assunto com as pessoas, se você for na bodega ali com a vizinhança, eles vão falar de soja, vão falar do veneno, da semente que compraram absurdamente cara. E aí você fala o que? Fica o ‘cri, cri, cri’ de grilo, porque você não tem nada a dizer sobre isso, *não é o seu mundo*. Ainda mais que você não concorda com aquilo, você vai saindo de lado”

Os jovens são raros em suas comunidades, o êxodo rural e o envelhecimento da população foi algo bastante salientado por elas. Pitanga diz que tem uma proximidade com sua sogra: “(...), mas tem coisas que eu nunca vou contar para ela. Porque tem a diferença de idade e o vínculo familiar”. Cacau relata: “... eu sou mais caseira, aqui na comunidade tem só um jovem e eu, então acabo saindo às vezes com meu namorado. Eu, a mãe e minha irmã vamos visitar os parentes, a gente dá umas saídas, mas coisas mais curtas”. A falta de pares da mesma idade, com os mesmos interesses é um empecilho para que elas consigam construir redes de sociabilidade.

Quando pergunto se elas buscam conversar com alguém quando estão passando por alguma situação difícil ou precisando de acolhimento, a resposta foi: “Geralmente a gente amarga sozinha... Ficar sozinha não é ruim, é gostoso ficar sozinha às vezes, o que é ruim é ficar solitária. Ficar solitária não quer dizer não ter relações, mas ter relações superficiais”.

No encontro coletivo conversamos sobre as dificuldades de relação que elas têm com as pessoas de suas comunidades, citadas anteriormente, mas principalmente, sobre como elas se sentem bem em ambientes e com pessoas que pautam agroecologia. Bracatinga diz: “os encontros da Rede são um respiro, os encontros de trocas de sementes dão uma animada”, Pitanga complementa: “E dão uma animada porque se você fica sozinha em um lugar, fica achando que é louca sozinha, no meio do resto, e quando você vai pra esses lugares você vê que são muitos loucos”.

Elas contam que a pandemia de COVID-19, as deixou mais isoladas, por estarem geograficamente distantes e sem a programação normal das atividades da Rede Ecovida de Agroecologia. Pitanga diz: “(...) as pessoas vão se aproximando por afinidade e por fazerem alguma atividade juntas, no nosso caso essas atividades são poucas, como reuniões de núcleo e grupo”, agora as atividades têm voltado ao



seu fluxo normal e isso tem contribuído para elas se encontrarem com maior frequência.

Estávamos conversando sobre a relação entre mulheres, elas relatam que se sentem mais confortáveis com mulheres agroecologista, Pitanga conta: “tem uma parente vem na minha casa e fica despejando que ‘essa semana eu limpei isso, aquilo, aquele outro...’, ela não para de falar disso e eu odeio! Daí eu fico pensando, minha casa tá bagunçada, ela deve ficar só reparando”. Ela conta essa história para relatar que com as mulheres agroecologistas é diferente, que não sente essa pressão, Bracatinga corrobora: “É verdade! Quando vocês disseram que vinham eu fiquei bem tranquila, pensei em dar um ajeitada na casa, mas de um jeito bem saudável, porque quando tá mais organizado eu gosto, me sinto bem, mas não fui correndo limpar a casa, colocar as coisas no lugar. É legal ver que isso acontece com vocês, que não vou ser julgada, mas se vem algum parente é muito diferente, eu já sei que eu tenho que me espichar, porque não pode estar do jeito real, sabe? Tem que estar bonito... Pensando em várias casas agroecológicas, elas têm essa bagunça, esse ar de realidade”.

A desigualdade de gênero é um fator que as deixa incomodadas, sobre as festas da comunidade, Pitanga relata: “Eu nunca vou... Eu nunca tenho o que conversar com as mulheres da comunidade, sempre tem as divisões por gênero nas rodas de conversa, os homens num canto e as mulheres no outro. Hoje até teria o que falar, porque lavei as venezianas – ela ironiza e rimos – mas sabe como é, sempre os papos sobre a casa, novela e minha paciência tem limite”. A agroecologia se articula cada dia mais com as pautas feministas e as três agricultoras têm consciência e desejo da expansão dessas conexões. Na questão de divisão de tarefas por gênero o que chateia Bracatinga é que na gestão das cooperativas da região nunca têm mulheres. E para ela, essa divisão acontece também nos espaços de poder da agroecologia, a lógica sexista está impregnada nas relações, tanto que quando se propõe atividades para mulheres os temas abordados são: “... plantas medicinais, artesanato e nada mais... Não que seja um problema fazer essas coisas, mas confina em um nicho, né? Nós também trabalhamos e muito com a produção, por exemplo”. Mesmo com esses limites, elas citaram a agroecologia como importante fonte para experimentar/pensar um mundo com menos divisões por gênero e que têm notado os feminismos avançarem na agroecologia.

Elas deixaram claro que estar entre mulheres agroecologistas é confortável e nutritivo no sentido de manter a esperança na coletividade, bem como na responsabilidade social, política e ambiental. Trata-se de cultivar um modo de vida que se atenta menos a noções de normalidade e padrões socialmente impostos, há o cultivo de um universo simbólico regido por uma ética agroecológica, o que origina um reconhecimento grupal, coletivo. Ou seja, elas criam uma territorialidade que está preocupada com os princípios da agroecologia, e como sem feminismo não há agroecologia, as relações nesses territórios estão comprometidas em promover e defender a equidade de gênero. As distâncias geográficas não são capazes de dissipar suas teias de afetos, e como bem nos lembra o poeta Manoel de Barros: “As distâncias somavam a gente para menos” (2021, p. 17).



Conclusões

Se manter em territórios rodeados de lógicas monoculturais não é uma tarefa simples, mas vemos como essas mulheres se fortalecem na coletividade agroecológica. Por meio do acolhimento, do compartilhamento de angústias e esperanças elas cria um avizinhar que ultrapassa os limites geográficos. Relações entre mulheres agroecologistas mostraram-se nutritivas, são verdadeiros espaços de coletividade e troca imprescindíveis para que elas sigam fermentando propósitos, constituam juntas noções e práticas cada vez mais ecologicamente sustentáveis, socialmente justas e economicamente viáveis na agroecologia (ALTIERI, 2004).

A constituição de uma territorialidade é um caminho para que suas existências sejam fortalecidas, reconhecidas e respeitadas, estar entre pares é criar condições de viver bem e essas mulheres conhecem o poder de cultivar a coletividade.

Referências bibliográficas

ALTIERI, M. **Agroecologia**: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

BARROS, M. **O livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Editora Alfabeta, 2016.

MACIAZEKI-GOMES, R. (2017). **Narrativas de si em movimento**: uma genealogia da ação política de mulheres trabalhadoras rurais do sul do Brasil, Santa Catarina, 2017. Tese, Universidade do Porto, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/180436>.

SILVA, J. M. Cultura e territorialidades urbanas: uma abordagem da pequena cidade. **Revista de História Regional**, v. 5, n. 2, pp. 09-38, 2000.

SHIVA, V. **Who really feeds the world?: the failures of agribusiness and the promise of agroecology**. Berkeley: North Atlantic Books, 2016.